

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC

CURSO DE FARMÁCIA

CLAUDIA WAGNER MARTIGNAGO

**AVALIAÇÃO DOS CONHECIMENTOS SOBRE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS  
ENTRE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM UMA ESCOLA DO SUL DE SANTA  
CATARINA**

CRICIUMA, NOVEMBRO, 2011

CLAUDIA WAGNER MARTIGNAGO

**AVALIAÇÃO DOS CONHECIMENTOS SOBRE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS  
ENTRE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM UMA ESCOLA DO SUL DE SANTA  
CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Farmacêutico no curso de Farmácia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof. (a) MSc. Carla A. D. Maragno

CRICIUMA, NOVEMBRO, 2011

# **Avaliação dos conhecimentos sobre métodos contraceptivos entre alunos do ensino médio em uma Escola do Sul de Santa Catarina**

Claudia Wagner Martignago <sup>1</sup> & Carla A. D. Maragno <sup>2\*</sup>

<sup>1</sup>Aluna do curso de farmácia da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

<sup>2</sup>Professora do curso de farmácia da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

\* [cmaragno@hotmail.com](mailto:cmaragno@hotmail.com)

## **RESUMO**

O objetivo deste estudo foi avaliar o conhecimento sobre métodos contraceptivos em alunos de uma escola pública do Sul de Santa Catarina. Os dados foram coletados através de um questionário aplicado a 287 jovens com idade entre 14 a 29 anos, do ensino médio. Os métodos contraceptivos mais utilizados pelos adolescentes foram o preservativo (45,8%) e anticoncepcional oral (28,9%), 53,7% responderam corretamente sobre o uso correto do anticoncepcional oral. Quanto às informações sobre ao ciclo menstrual, apenas 21,3% (61) dos participantes responderam corretamente, dizendo que o ciclo menstrual inicia no 1º dia da menstruação. Ao estratificar esta questão de acordo com o gênero, observou-se que 22,4% dos meninos e 34,8% das meninas responderam corretamente, mostrando uma disparidade entre os gêneros quanto a este conhecimento. De uma forma geral, os adolescentes possuem deficiência no conhecimento sobre métodos contraceptivos. Os homens apresentaram um conhecimento menor sobre o assunto quando comparados as mulheres. Esta falta de informação poderá refletir implicações na vida destes alunos, podendo contribuir para a ocorrência de gravidez indesejáveis e/ou doenças sexualmente transmissíveis.

Palavras-chave: Gravidez. Adolescentes. Sexualidade. Estudantes.

## **ABSTRACT**

*The objective of this study was to evaluate the knowledge about the contraceptive method in students from a public school in the South of Santa Catarina. The data were collected through a questionnaire applied to 287 young people aged between 14 to 29 years old, from high school. The most used contraceptive methods by teenagers were condoms (45.8%) and oral contraceptive (28.9%), 53.7% answered correctly questions related to the use of oral contraceptive. Information about the menstrual cycle, only 21.3% (61) of participants answered correctly, saying that the menstrual cycle begins on the 1<sup>o</sup> day of menstruation. As this issue was stratified according to the genres, it was observed that 22.4% of boys and 34.8% of girls answered correctly, showing a disparity between the genres regarding this knowledge. In general, adolescents have low knowledge about contraceptive methods. Men showed less knowledge on the subject when compared to women. This lack of information may reflect implications in these students' lives and may contribute to the occurrence of unwanted pregnancy and / or sexually transmitted diseases.*

## **KEYWORDS**

Keywords: *Contraceptive methods, teenagers, high school, knowledge*

## INTRODUÇÃO

De acordo com os critérios da Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência é o período compreendido entre 10 a 19 anos. Este período caracteriza o início da vida reprodutiva e caracteriza-se por mudanças fisiológicas e corporais. Tais transformações e adaptações devem transcorrer de forma saudável, a fim de que não tragam malefícios ao adolescente, quanto a sua saúde física, mental, social e espiritual (NERY *et al.*, 2011).

Neste momento a sexualidade dos adolescentes está em desenvolvimento, com as modificações físicas próprias desse período, aliadas ao descobrimento do corpo adulto, às imensas mudanças psicológicas já sofridas, enfim, uma verdadeira revolução hormonal. Também terão as primeiras impressões de independência que a vida adulta traz, irão experimentar a capacidade de tomar decisões sozinhos e contestar o modelo de vida dos pais, fatos que influenciarão a decisão do momento da primeira relação sexual (BARREIRO *et al.*, 2005).

A gravidez inesperada nessa fase interrompe a adolescência causando muitas vezes à perda de oportunidade de maximizar o desenvolvimento pessoal e o futuro sócio econômico do adolescente (BARREIRO *et al.*, 2005; PASCOTTO & SANT'ANA, 1999).

Estudos sobre adolescentes mostram que a utilização de anticoncepcionais de forma incorreta, a objeção de uso pelo parceiro de preservativo, o desconhecimento da fisiologia humana (período fértil) são causas relacionadas à gravidez na adolescência (BELO & SILVA, 2004; BELO, 2001). Além disso, a diminuição da idade da menarca antecipa a sua exposição à vida sexual, expondo estes jovens a vários riscos como gravidez indesejada, infecção por vírus da imunodeficiência adquirida (HIV) e doenças sexualmente transmissíveis (ALENCAR *et al.*, 2008).

A gravidez na adolescência tem-se destacado como problema de Saúde Pública em diversos países, devido ao elevado risco de morbi-mortalidade maternal e infantil e por constituir um possível evento desestruturador da vida das adolescentes (MOCCELLIN *et al.*, 2010; BELO, 2001; HOGA *et al.*, 2010).

Especialistas em adolescência alertam que de 1,1 milhões de adolescentes parturientes de 15 a 19 anos no Brasil, 25% já tem um filho. O fato mais preocupante é que grande parte das mesmas afirma que a sucessiva gravidez não foi planejada (NERY *et al.*, 2011).

Estes planejamentos são ações muito importantes que possibilitam os adolescentes a planejar o momento adequado de iniciar sua vida sexual sem interferir em sua vida social, sem conseqüências de uma gravidez indesejada (MACHADO, 1997). Para que isto não aconteça à responsabilidade é do casal na escolha de técnicas e dos métodos contraceptivos de melhor conveniência, garantindo um bom planejamento (MACHADO, 1997).

Existem vários métodos reversíveis e irreversíveis pelos quais pode-se evitar uma gravidez indesejada, percebe-se que há muita falta de informações ou até desinteresse por parte dos jovens em busca de orientações ou mais conhecimento sobre os métodos. E esta falta de interesse vem aumentando a gravidez na adolescência com o passar dos séculos no Brasil (MACHADO, 1997, BELO & SILVA, 2004, PANIZ *et al.*, 2005).

No Brasil, estima-se que aproximadamente 20-25% do total de mulheres gestantes são adolescentes, **apontando que uma em cada cinco gestantes são adolescentes** entre 14 e 20 anos de idade. Além disso, verifica-se que no Brasil, se assiste a um aumento do número de adolescentes que engravidam. Ao contrário do que acontece nos restantes dos países ocidentais (SANTOS, *et al.*, 2010).

Hoje, no Brasil, as mulheres com o nível de escolaridade mais elevado têm em média 1,7 filhos, já as mulheres com menor formação têm em média 3,7 filhos. O número de filhos na adolescência é um dos fatores que dificulta a permanência em escolas e no mercado de trabalho, apesar destas chances reduzidas e com perda de oportunidades (LEITE *et al.*, 2004; BELO, 2001). Diversas políticas e intervenções têm sido propostas e executadas em vários países no sentido de reverter essa realidade de gravidez indesejada na adolescência. No entanto, o aumento da taxa de fecundidade entre adolescentes e jovens, assim como o número de óbitos maternos nessa faixa

etária, evidenciam a necessidade de adequação de políticas de contracepção, planejamento familiar e atenção pré-natal (CARVALHO *et al.*, 2009).

A escola significa um lugar importante para se trabalhar conhecimento, habilidade e mudanças de comportamento, pois é local em que os adolescentes permanecem horas durante o dia. Tornando um local apropriado e adequado para o desenvolvimento de ações educativas, atuando em diferentes áreas dos saberes humano (CAMARGO & FERRARI, 2009).

No entanto, torna-se necessário conhecer melhor o que os adolescentes pensam, sua realidade, mitos e tabus com respeito a sua sexualidade para que se possa abordá-la de modo a contribuir para o seu crescimento e desenvolvimento sexual saudável (CAMARGO & FERRARI, 2009).

O presente trabalho tem como objetivo avaliar o conhecimento dos métodos contraceptivos dos alunos de uma escola do sul de Santa Catarina.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

O público alvo desta pesquisa compreende estudantes do ensino médio, matriculados na Escola de Educação Básica Princesa Isabel, localizada no município de Morro da Fumaça – Santa Catarina. A amostra foi constituída de 287 alunos matriculados no ensino médio noturno, que aceitaram participar da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada através de um questionário proposto por Belo (2001). Este questionário possui perguntas simples, de questões abertas ou fechadas (com opção de assinalar mais de uma alternativa), que avaliam o conhecimento sobre métodos contraceptivos entre adolescentes.

Os alunos receberam uma breve explicação sobre os objetivos do trabalho e foram convidados a responder ao questionário de forma voluntária, anônima, não remunerada e com fins científicos. Antes do preenchimento do questionário um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi

entregue (TCLE), este foi assinado pelos alunos pesquisados com idade igual ou maior de 18 anos, sendo que os alunos menores de 18 anos receberam um termo de consentimento em duas vias, para que seus responsáveis autorizassem a sua participação. Os questionários somente foram respondidos pelos menores de 18 anos após a assinatura do TCLE.

Vale salientar que após a coleta de dados foi implantada uma intervenção em forma de palestra em cada sala de aula, onde suas dúvidas sobre dia fértil, ciclo menstrual, utilização correta de anticoncepcional, e a importância do uso da camisinha foram esclarecidas.

O estudo segue um delineamento transversal. Após a coleta, os dados foram digitados em uma planilha do Programa *Microsoft Office Excel* e depois foram transportados para um programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) para as análises estatísticas descritivas e analíticas. Este Projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa em humanos da UNESC.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os participantes da pesquisa apresentaram uma idade média de 16,62 anos variando entre 14 a 29. A proporção entre os gêneros foi semelhante, sendo 50,2% do sexo masculino (Tabela 1). Em outro estudo realizado entre adolescentes do ensino médio, a idade média dos participantes foi de 16,1 (BELO & SILVA, 2004), verificando então uma semelhança ao presente estudo. A religião predominante foi à católica, com 68,3% dos entrevistados, sendo este resultado concordante com o trabalho realizado por BELO & SILVA (2004), onde a maioria (58,3%) afirmou ser desta mesma religião.



Tabela 1. Distribuição dos participantes segundo características demográficas.

Variáveis	N (287)	%
<b>Sexo</b>		
Masculino	144	50,2
Feminino	143	49,8
<b>Cor da pele</b>		
Branca	251	87,5
Negra	33	11,5
Não respondeu	3	1
<b>Religião</b>		
Católica	196	68,3
Evangélica	75	26,1
Outras	6	2,1
Não respondeu	10	3,5
<b>Trabalha fora de casa</b>		
Sim	220	76,7
Não	63	21,9
Não respondeu	4	1,4
<b>Classe da família</b>		
Classe baixa	21	7,3
Classe média	253	88,3
Classe alta	9	3,1
Não respondeu	4	1,3
<b>Ano do ensino médio</b>		
Primeiro ano	93	32,4
Segundo ano	86	30
Terceiro ano	102	35,5
Não respondeu	6	2,1

As características econômicas demonstram que a maioria (76,7%) trabalha fora de casa e que a maior parte (88,3%) pertence à classe média (Tabela 1). Diferente do presente estudo, uma pesquisa realizada em Teresina encontrou que a maioria (72,2%) não trabalhava fora de casa (NERY *et al.*, 2011).

Em relação à escolaridade, 32,4% são do primeiro ano do ensino médio, 30% do segundo ano e 35,5% do terceiro ano (Tabela 1). Aproximadamente 90% dos participantes residem no município de Morro da Fumaça.

A maioria dos participantes relatou já ter iniciado a vida sexual e não possuir namorado (a), representando 57, 5% e 64% respectivamente. Entre os que já iniciaram a vida sexual, 51,9% possuíam parceiros fixos. Entretanto, um estudo realizado em Concórdia-SC com estudantes do

sexo feminino demonstrou que 34,2% das adolescentes relataram já terem iniciado a vida sexual (MADUREIRA & WEBER, 2011). Na atualidade, os adolescentes têm iniciando a vida sexual precocemente, muitas vezes de forma imatura e despreparada, o que os expõe a riscos como uma gravidez indesejada e doenças sexualmente transmissíveis.

Dos 256 participantes que responderam sobre a utilização de métodos contraceptivos, um pouco mais da metade (53,%) afirmou utilizar algum método. Os métodos mais relacionados foram o preservativo masculino e o anticoncepcional oral, correspondendo a 45,8% e 28,9%, respectivamente. Não sendo diferente dos resultados encontrados em outro estudo (CAMARGO & FERRARI, 2009) onde 53,0% utilizam a camisinha e 46,3% anticoncepcional oral. Estes resultados ressaltam que muitos adolescentes são mal informados sobre os métodos contraceptivos, não conhecendo os reais perigos aos quais estes estão expostos quando não utilizam um método contraceptivo, principalmente o preservativo que além de evitar a gestação evita o contágio de doenças sexualmente transmissíveis.

Em relação a quem cabe a preocupação com o planejamento familiar e a utilização de métodos contraceptivos, 210 alunos (73,2%) responderam que a preocupação deve ser do casal e da sociedade. Estes resultados podem ser confirmados em outros estudos que também encontraram que a maioria dos adolescentes relata ser a preocupação com o planejamento familiar um dever do casal (BELO & SILVA, 2004; PASCOTTO & SANT'ANA, 1999; SANTOS *et al.*, 2007).

Quanto ao uso de pílulas anticoncepcionais, 53,7% (154) responderam que as pílulas devem ser tomadas todos os dias sem interrupção e deve-se tomá-las a partir do 5º dia do início do ciclo menstrual. Segundo Paniz e colaboradores (2005) maioria das mulheres (86,9%) sabe que o anticoncepcional deve ser tomado todos os dias. Esta diferença de resultados entre os estudos referidos acima, pode estar relacionada com o fato de serem as mulheres as usuárias deste método, o que proporciona um maior conhecimento.

Quanto às informações sobre ao ciclo menstrual, apenas 21,3% (61) dos participantes responderam corretamente, dizendo que o ciclo menstrual inicia no 1º dia da menstruação. Ao

estratificar esta questão de acordo com o gênero, observou-se que 22,4% dos meninos e 34,8% das meninas responderam corretamente, mostrando uma disparidade entre os gêneros quanto ao conhecimento sobre o ciclo menstrual. Entretanto, apesar de as mulheres apresentarem maior conhecimento frente aos homens, a porcentagem de acerto ainda foi baixa, o que pode provocar o uso incorreto do anticoncepcional oral.

Quando questionados sobre o período fértil, apenas 17,8% (51) dos participantes responderam corretamente. Quando estratifica-se esta resposta pelo gênero, observa-se que 13,19% (19) das respostas corretas eram de meninos e 22,3%, (32) eram de meninas. Paniz e colaboradores (2005) ao perguntar para um grupo de mulheres sobre o período fértil encontrou uma porcentagem de acertos (29,4%) semelhante à deste estudo. Este resultado é preocupante, pois este desconhecimento compromete o uso correto de métodos de abstinência periódica (PANIZ *et al.*, 2005).

Quando questionados sobre o uso da camisinha, 32,4% dos alunos responderam corretamente, relatando que esta previne contra doenças sexualmente transmissíveis (DST), serve como método contraceptivo e deve ser colocada antes de iniciar uma relação sexual. Neste mesmo sentido, estudo anterior (PASCOTTO & SANT'ANA, 1999) encontrou que 36,8% das alunas acreditam que o uso do preservativo masculino previne contra DSTs. A precariedade do conhecimento sobre as formas de prevenir as DSTs é preocupante e pode estar relacionada diretamente a pouca ou à falta de qualidade no âmbito educacional das escolas e outras instituições formadoras de opiniões (CAMARGO & FERRARI, 2009). Apesar de o governo federal investir maciçamente na divulgação de campanhas para prevenção da AIDS e outras DSTs, principalmente através do incentivo do uso do preservativo, estas campanhas parecem não estar atingindo os adolescentes que demonstram conhecer muito pouco ou quase nada sobre o assunto.

Das respostas relacionadas ao risco de engravidar após o parto, 5,2%, (15) apenas responderam corretamente, dizendo que a gravidez pode ocorrer antes da 1ª menstruação e que as pílulas anticoncepcionais podem ser utilizadas, desde que a mãe que está amamentando receba

orientação médica. Destas 15 pessoas que responderam corretamente, 73,3% eram mulheres. Mostrando que as mulheres demonstram ter um conhecimento maior do que os homens neste assunto.

Em relação ao método do coito interrompido, 25,1%, (72) dos alunos estavam corretos, dizendo que este método não funciona como método contraceptivo. Quando se estratifica estas respostas pela escolaridade, 28,4% (19) dos alunos do 1º ano, 40,3% (27) do 2º ano e 32,9% do 3º ano (24) responderam corretamente, respectivamente. Apesar de este método ser primitivo, ele ainda é muito utilizado no mundo, apesar de ser simples, é muito difícil de ser utilizado, pois requer do homem um controle total da situação, além de ser ineficaz. Portanto, a baixa porcentagem de alunos que conhece a ineficácia do método, pode contribuir com um alto índice de gravidez indesejada (PASCOTTO & SANT'ANA, 1999).

Quando falamos em gravidez na adolescência, logo pensamos em uma relação sexual desprotegida ou o uso incorreto de anticoncepcional, entretanto a gravidez poderá acontecer sem que ocorra uma penetração peniana completa, sendo que apenas 30,7% dos adolescentes relataram saber disto. Neste mesmo sentido, Pascotto e Sant'ana (1999), encontraram que 26,7% das alunas dizem ser impossível uma mulher virgem engravidar, não sabendo elas que o espermatozoíde possui mobilidade e pode migrar ao colo do útero podendo ocorrer a fecundação do óvulo e conseqüentemente a gravidez (PASCOTTO & SANT'ANA, 1999).

As fontes de informações sobre métodos contraceptivos utilizadas pelos adolescentes são variadas, sendo os professores a fonte de informação mais relatada pelos alunos (Tabela 2). Estudo realizado por Madureira e Weber, em 2011, diz que a maioria dos adolescentes refere buscar informações com os pais, especialmente com a mãe, por lhe dar segurança, outros com irmãs por já ter iniciado a vida sexual. Já Guimarães e colaboradores (2003) demonstraram em seu estudo que 42,3% dos alunos afirmaram receber informações da escola, sendo resultado compatível com os deste estudo.

Tabela 2. Fontes de Informações sobre métodos contraceptivos utilizadas pelos alunos.

<b>Fonte de informações</b>	<b>%</b>	<b>N</b>
Amigos	56,8	163
Professores	79,4	228
Revistas	33,8	97
Livros	25,8	74
Televisão	51,9	147
Pais	20,9	60
Outros	44,6	127
<b>Total</b>	<b>---</b>	<b>896</b>

Uma das perguntas do questionário respondido pelos participantes era se eles gostariam de receber novas informações sobre os métodos contraceptivos, período fértil, e contraceptivo de emergência. Aproximadamente oitenta e sete por cento (248) dos alunos gostariam de receber novas informações. Quanto ao conhecimento de outros métodos contraceptivos, além da camisinha, pílula e tabelinha, os mais conhecidos foram o Dispositivo Intrauterino (DIU) (25,4%) e a laqueadura (10,9%), sendo que 45,9% não responderam e 16,4% afirmaram não lembrar.

## CONCLUSÃO

Os resultados confirmam a necessidade de maior orientação do sistema de saúde e das escolas aos adolescentes, levando a eles maiores informações sobre o uso correto de contraceptivos. Considerando também que a escola constitui um espaço muito importante para aplicação de programas educativos como palestras, aulas voltadas mais para o dia-a-dia dos adolescentes através de conversas relacionadas à sexualidade e ao conhecimento do corpo humano.

A obtenção de maiores conhecimentos poderá contribuir na redução da incidência de gravidez indesejada na adolescência e proporcionar a eles conhecimento para realizar um planejamento familiar adequado.

Além disso, observa-se que os adolescentes, especialmente os meninos, possuem uma deficiência no conhecimento sobre a importância da utilização de preservativos. Sendo este fator

muito importante na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, a falta de informação pode estar contribuindo para um aumento na incidência destas doenças.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Rúbia de Aguiar; SILVA, Lucía; SILVA, Fábio Arlindo, *et al.* Desenvolvimento de uma proposta de educação sexual para adolescentes. *Ciência e Educação* 14(1): 159-168, 2008.
- BARREIRO, Fernando Augusto; GUAZZELLI, Cristina Aparecida Falbo; MORON, Antonio Fernandes. Conhecimento básico de adolescente escolarizados sobre métodos anticoncepcionais. *Adolescência & Saúde*. 2(1): 11-16, 2005.
- BELO, Marcio Alves Vieira. Conhecimento, atitude e prática em relação aos métodos anticoncepcionais entre adolescentes gestantes. 2001.121 f. Dissertação (Mestrado em Tocoginecologia)-Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- BELO, Marcio Alves Vieira; SILVA, João Luiz Pinto. Conhecimento, atitude e prática sobre métodos anticoncepcionais entre adolescentes gestantes. *Rev. Saúde Pública*. 38(4): 479-87, 2004.
- CAMARGO, Elisana Ágatha Iakmiu; FERRARI, Rosângela Aparecida Pimenta. Adolescentes: conhecimento sobre sexualidade antes e após participação em oficinas de prevenção. *Ciência & Saúde Coletiva* 14(1): 937-946, 2009.
- CARVALHO, Geraldo mota de; MERIGHI, Miriam A. Barbosa; JESUS, Maria Cristina Pinto de. Recorrência da parentalidade na adolescência na perspectiva dos sujeitos envolvidos. *Enferm.* 18(1): 17-24, 2009.
- CHAVES, Jose Humberto Belmiro, PESSINI, Leo, BEZERRA, Antonio Fernando de Souza, NUNES, Rui. Abortamento provocado e o uso de contraceptivos em adolescentes. *Rev. Bras Clin Med.* 8(2): 94-100, 2010.
- GUIMARÃES AMDN; VIEIRA MJ; PALMEIRA JA. Informações dos alunos sobre métodos anticoncepcionais. *Rev. Latino-am enfermagem*. 11(3): 293-8, 2003.

HOGA, Luiza Komura; BORGES, Ana Luiza Viella, REBERTE, Luciana Magnoni. Razões e reflexos da gravidez na adolescência: Narrativas dos membros da família. *Rev. Enferm.* 14(1):154-157, 2010.

JIMÉNEZ, Ana Luisa *et al.* Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis em mulheres: associação com variáveis sócio-econômicas e demográficas. *Cad. Saúde Pública.* 11(1): 55-62, 2001.

LEITE, Iúri da Costa; RODRIGUES, Roberto do Nascimento; FONSECA, Maria do Carmo. Fatores associados com o comportamento sexual e reprodutivo entre adolescentes das regiões Sudeste e Nordeste do Brasil. *Cad. Saúde Pública.* 20(2): 474-481. 2004.

MACHADO, Rosângela Carreira, Avaliação do conhecimento sobre técnica anticoncepcionais entre alunos do primeiro grão do centro de Estudos supletivos de Sarandi-PR, 1996. 33 f. Monografia( Curso Especialização em Ciências). Universidade Estadual de Maringa, 1997.

MADUREIRA, Valéria Silvana Faganello; WEBER, Ana Isabel. Conhecimento de adolescentes mulheres sobre contracepção. *Cogitare Enferm.* 16(2): 333-339, 2011.

MARTINS, Laura B Motta; PAIVA, Lucia Helena S da Costa; OSIS, Maria José D, *et al.* Conhecimento sobre métodos anticoncepcionais por estudantes adolescentes. *Rev. Saúde Pública.* 40(1): 57-64, 2005.

MOCCELLIN, Ana Silva; COSTA, Larissa Riani; TOLEDO, Aline Martins, *et al.* Efetividade das ações voltadas à diminuição da gravidez não planejada na adolescência: revisão de literatura. *Rev. Brasil Saúde Materno infantil.* 10(4): 407-416, 2010.

NERY, Inez Sampaio; MENDONÇA, Rita de Cássia M; GOMES, Ivanilda Sepúlveda, *et al.* Reincidência da gravidez em adolescente de Teresina, PI, Brasil. *Rev. Brasileira de enfermagem.* 64(1): 31-37, 2011.

PANIZ, Vera Maria Vieira; FASSA, Anaclaudia Gastal; SILVA, Marcelo Cozzensa. Conhecimento sobre anticoncepcionais em uma população de 15 anos ou mais de uma cidade do sul do Brasil. *Cad. Saúde Pública.* 21(6): 1747-1760, 2005.



PASCOTTO, Claudicéia Risso; SANT'ANA, Débora de Mello Gonçalves. Avaliação dos conhecimentos sobre métodos contraceptivos entre alunos do 1º 2º 3º anos do ensino médio do Colégio estadual de Umuarama – ensino fundamental e médio. *Arq Ciência Saúde Unipar*. 3(2): 143-151. 1999.

SANTOS, Elder Cerqueira; PALUDO, Simone dos Santos; SCHIRÒ; Eva Diniz B. dei, *et al*. Gravidez na adolescência: Análise contextual de riscos e proteção. *Psicologia em Estudos*. 15(1): 74-85, 2010.

SANTOS, Flavyana Silva dos; RODRIGUES, Olíana Cristina Ferraz Lima; ARAÚJO, Edinaldo Cavalcante de, *et al*. Opinião de adolescente entre os 10 aos 14 anos sobre a pílula anticoncepcional e os preservativos masculinos e femininos. *Rev. Enferm*. 2(2): 189-195, 2007.